

# MODERNIDADE, CIENTIFICIDADE E MEMÓRIA PELA VIA DA LITERATURA: A INFORMAÇÃO NA ESTRUTURA NARRATIVA DO *DRÁCULA*, DE BRAM STOKER

## MODERNITY, SCIENCE AND MEMORY THROUGH LITERATURE: THE INFORMATION IN THE NARRATIVE STRUCTURE OF DRACULA, BY BRAM STOKER

José Claudio Morelli Matos<sup>a</sup>

### RESUMO

**Introdução:** Este trabalho interpreta o romance *Drácula*, de Bram Stoker, identificando pontos de interesse para os estudos da informação. Além disso, é mostrado como a época retratada no livro prepara e anuncia aquilo que se vem chamando atualmente de Era da Informação. **Objetivo:** Analisar procedimentos de ordenação e apropriação da informação, como elementos essenciais na estrutura narrativa do romance *Drácula*, de Bram Stoker. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, um esforço de interpretação da obra ficcional, questionando de forma ensaística e argumentativa sobre a relevância da informação no livro. **Resultados:** Por meio do exame da representação de Biblioteca, da oposição entre a modernidade (científica) e o passado (supersticioso) e da ação das personagens, o livro pode ser descrito como a apresentação em base fictícia, de um longo e detalhado processo de organização e uso de informações. **Conclusões:** A representação do ciclo completo das informações no romance resulta em uma composição ilustrativa da riqueza de sentidos e do valor que a informação assume na sociedade, já desde o final do século XIX.

**Descritores:** Informação. *Drácula*. Memória. Bram Stoker. Biblioteca.

---

<sup>a</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Ética no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Unidades de Informação – (UDESC). E-mail: doutortodd@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um esforço interpretativo que toma como horizonte o romance *Drácula – Uma história de mistério* de Bram Stoker (publicado inicialmente em 1897). Neste esforço, se espera mostrar de que forma processos informacionais funcionam como um elemento essencial na estrutura narrativa do romance. A hipótese que move este esforço argumentativo é que: A informação – conteúdos significativos documentados e comunicados por meio de algum suporte físico – recebe tamanha importância na obra, a ponto de constituir parte inseparável de sua estrutura e contexto. Procedimentos de registro, recuperação e apropriação da informação, do mesmo tipo que, cerca de 60 anos mais tarde se tornam objeto de investigação pela ciência da informação são, no romance, descritos como parte da ação dos personagens e do argumento da trama.

Este elemento informacional e documental é tão evidente na novela de Stoker, a ponto de que se possa, sem receio, afirmar que *Drácula* é uma ‘história de mistério’ na qual o próprio mistério é concebido e solucionado por meio do tratamento da informação relevante. Este procedimento serve, então, para dar coesão e credibilidade ao próprio enredo ficcional. Nesta medida, a leitura que aqui está sendo posta em movimento pode ser de algum interesse aos profissionais e estudiosos das ciências da informação.

O livro se compõe inteiramente de anotações dos diários dos personagens, bem como de correspondências, telegramas e notícias associadas a estas anotações. Não existe a voz de um suposto autor da história, que falasse como um narrador ‘ideal’ da obra: a história é contada principalmente pelo que vai escrito nestes diários, além de cartas e recortes de notícias, na forma como supostamente teriam sido organizados e compilados. A estratégia narrativa usada por Stoker poderia ser caracterizada como a de criar “documentação” ficcional que, posta junta, forma o romance.

Seu autor nos dá uma indicação desta estratégia logo no preâmbulo do livro, ao afirmar: “O modo como estes documentos foram colocados em

sequência se tornará evidente através de sua leitura” (STOKER, 2014, p. 17). O procedimento de escrita dos diários, a minúcia e exatidão daquilo que é registrado, o enaltecimento da disciplina para um registro assíduo, são objeto de atenção dos personagens.

Tenho que continuar escrevendo sempre que surge uma chance, pois não ousar parar para pensar. Todas as coisas, pequenas ou grandes, entrarão neste relato. Talvez, no final, as pequenas coisas nos ensinem mais (STOKER, 2014, p. 214).

Pela preocupação dos personagens com o registro escrito, eles parecem reconhecer o valor da informação estar acessível e organizada, à disposição de quem possa vir a empregá-la.

A massa documental gerada pelas profissões liberais, as atividades produtivas organizadas, a tecnologia e a pesquisa científica, tal como se configuram na última década do século XIX, são representadas por Stoker de forma bastante veemente, dando fundamento ao argumento da obra. Aliás, seria desejável aludir às profissões dos personagens: Jonathan Harker advogado, Doutor Seward e Van Helsing médicos e cientistas, Godalming nobre, Quincey Morris aventureiro e proprietário de terras, Mina Harker professora. Com base nestas características, se poderia ousar afirmar que Stoker, mesmo ao enveredar pelo campo do fantástico e do grotesco, se faz também intérprete de sua época.

Isso é especialmente interessante, na medida em que esta época pode ser entendida como a fase que prepara e anuncia aquilo que se vem chamando atualmente de Era da Informação. A revolução técnica e social a partir da qual a informação assume o protagonismo do processo produtivo é detectada nos meados do século XX. Autores como Saracevic evidenciam o “[...] irreprimível crescimento exponencial da informação e de seus registros, particularmente em ciência e tecnologia” (SARACEVIC, 1996, p. 42). Embora esta noção seja alvo de grande consenso na comunidade de interessados pelo assunto, é igualmente consenso que esta revolução teve como base para seu impulso transformador, uma onda prévia de realizações técnicas, científicas e sociais que teve lugar no século XIX. Um dos palcos desta onda de progressos era a

Inglaterra vitoriana, berço de cientistas como Herbert Spencer, James Clerk Maxwell, John Stuart Mill, Charles Darwin e Thomas Huxley, além é claro, de escritores como o próprio Bram Stoker.

O trabalho segue a seguinte ordem de exposição: A abordagem escolhida para a leitura e interpretação do romance *Drácula* é apresentada, a fim de tornar claro o recorte segundo o qual a obra é considerada. A partir desta abordagem, as decisões e procedimentos metodológicos do estudo são discutidos e explicitados.

Lançando mão desta orientação metodológica, a reflexão se dirige ao livro propriamente dito, voltando sua atenção para os aspectos informacionais. Em primeiro lugar, se discute a forma como a biblioteca – espaço exemplar da interação com a informação – aparece no romance, especialmente a biblioteca do próprio Conde *Drácula*. Segue-se a esta discussão um exame mais amplo de como a racionalidade moderna é retratada por Stoker, num duplo cenário de otimismo e ceticismo em relação ao progresso técnico e científico. Tendo percorrido esta pauta de questões, o ciclo da informação no romance é discutido mais especificamente. Se espera mostrar que o desenvolvimento da narrativa tanto depende como favorece o movimento dos personagens em relação à apropriação, “organização” e comunicação da informação, através de artefatos e suportes condizentes com o estado da técnica naquele contexto.

Interessa aos profissionais de informação, portanto, a interpretação que aqui se procurou fazer da obra de Stoker, na medida em que ela é – no campo da ficção – uma fonte peculiar de memória sobre o aumento significativo que a informação e sua circulação tiveram, desde o final do século XIX, quando a organização das atividades produtivas e os avanços científicos e tecnológicos permitiram, e até exigiram dos agentes, lidar de forma bem sucedida com montantes cada vez mais amplos e volumosos de informação.

## **2 CONSIDERAÇÕES SOBRE PROCEDIMENTOS E MÉTODOS**

Falar de condutas de organização, recuperação e uso da informação, tendo como fonte de reflexão um trabalho de literatura é um procedimento que

precisa, naturalmente, ser considerado dentro de certos limites. Primeiramente, estes termos (organização, recuperação, uso) estão sendo empregados aqui em seu significado mais amplo e comum, sem a carga de compromissos teóricos e significados específicos que os debates das ciências da informação forjaram neles, nos últimos 60 ou 70 anos. De fato, na época retratada pelo romance de Bram Stoker, o paradigma científico que tem como objeto o fenômeno informacional sequer tinha ganho estatuto independente no universo acadêmico.

Além desta anotação acerca do uso – comum – dos termos relativos ao comportamento informacional, algumas considerações podem transmitir ao leitor a consciência do método geral deste trabalho. Vejamos:

Em um trabalho intitulado “A literatura e a ciência da informação” (2009), Sidney Barbosa discorre sobre as características da literatura, e sobre as condições históricas de sua apresentação na modernidade, sobretudo na sociedade industrial, onde a noção de romance ganha amplo espaço na cultura letrada. Ele conclui seu argumento com uma indagação, não totalmente respondida pelo seu trabalho, sobre como o bibliotecário e o profissional da informação podem se servir da literatura para alimentar suas reflexões e suas práticas.

Barbosa parte da suposição de que vivemos em uma sociedade pós-moderna, definida pela complexidade e pelo caos (talvez até mesmo o caos informacional):

O que cabe indagar fatalmente desta exposição e da apresentação destes comentários é sobre a medida em que esses fatos e relatos teriam influência sobre as realidades dos profissionais da Ciência da Informação, notadamente os bibliotecários e seus assistentes, seja na sua formação, seja no desempenho de suas funções no cotidiano da profissão (BARBOSA, 2009, p. 85).

Entretanto, um leitor em busca de um resultado claro e definido sai da leitura do capítulo sem essa realização. O texto provoca, inspira, mas não apresenta claramente uma possibilidade para o uso da literatura, como instrumento de reflexão e de formação do profissional da informação. O leitor

de Barbosa (2009) é deixado um pouco aquém do que se espera, quando a espera é por uma ideia relativamente bem delineada. Mas esta ideia existe, pode ser formulada em termos mais claros e bem definidos, se um pequeno esforço de reflexão e de pesquisa puder ser empregado nisto.

A literatura pode, no mínimo, revelar os caminhos da própria informação. A informação como recurso, como fenômeno social e como objetivo do desenvolvimento de tecnologias e aparatos, é objeto de vastas pesquisas e estudos teóricos. Estas pesquisas e estudos compõem matéria de formação do profissional ou cientista da informação. Mas a informação - e seus efeitos na sociedade - também pode ser visitada e reconhecida pela via da literatura.

Barbosa faz alusão àqueles estudiosos que, além de se voltarem para os textos de artigos e livros técnicos,

[...] perquirem também a Literatura, demandando-lhe no que esta pode subsidiar, com suas realizações calcadas no imaginário, na estética e no tratamento que ela dá à linguagem, os fundamentos e as ações da Ciência da Informação (BARBOSA, 2009, p. 78).

O autor parece convidar o profissional ou cientista da informação à leitura, ao contato direto com obras da literatura, especialmente as que apontam a fisionomia do nosso tempo, o tempo que para ele é marcado pelas “[...] dores das nossas subjetividades corroídas por fragmentações e dispersões” (BARBOSA, 2009, p. 86). Este é um gentil e valioso convite! Bibliotecários e profissionais da informação, assim como profissionais e estudiosos das Humanidades em geral, têm na boa literatura um excelente recurso para a formação do gosto e para a reflexão livre e sofisticada de ideias do seu tempo.

Mas o convite que se faz no presente trabalho é mais específico, é para a leitura de um tipo especial de literatura, ou da literatura sob um ponto de vista muito especial. Convidamos o bibliotecário e, em geral, o cientista ou profissional da informação, a se dirigir àquele tipo de obra literária que tenha a própria informação - e em particular os livros - como partes integrantes das narrativas e dos enredos. A literatura que se refere a livros e à informação é a representação em ficção de um mundo de possibilidades que o profissional da

informação habita efetivamente em sua prática cotidiana, em suas reflexões e anseios.

Para completar, cabe fazer alusão a um célebre teórico da literatura, Roland Barthes e sua famosa *Aula*, proferida no Colégio de França em 1977. Barthes ousadamente declara que “A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa” (BARTHES, 2000, p. 19). Talvez não seja o caso de assumir todas as consequências desta alegada distância entre a ciência e a vida, mas, ao menos, de propor um olhar iluminado por outras formas de dizer, de significar e, portanto, de pensar nos assuntos que nos importam. Barthes acrescenta a seu raciocínio:

Porque ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente, utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita: Através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico mas dramático (BARTHES, 1977, p. 19).

Esta é uma boa representação do emprego e da abordagem que neste trabalho se espera realizar do *Drácula* de Bram Stoker. Tirar proveito desta encenação da linguagem e dos significados, a fim de refletir sobre a forma como uma consciência marcada pela cientificidade, pelo domínio das tecnologias, e pelo reconhecimento do valor da informação é feita ingrediente de um drama, de um cenário conceitual e estético, cuja voz compõe o cenário que mantém a memória de uma época e de um processo histórico.

Finalmente, seria possível definir uma abordagem informacional de algum assunto, como aquela que examina e tenta explicar as questões formuladas, em termos da informação. Isso acarreta o comprometimento com uma série de conceitos relacionados com a informação: sua produção, comunicação, interpretação e uso. Possivelmente se possa afirmar que este procedimento - quando aplicado à interpretação de uma obra de ficção, como aqui é o caso - não chegue a constituir uma pesquisa típica do paradigma da ciência da informação. Esta interpretação, contudo, tenta se beneficiar de conceitos hoje desenvolvidos e empregados ao longo dos estudos da ciência da informação. Seu objeto, como se afirmou acima, é a informação, tal como representada por Stoker na estrutura de seu romance. Suas conclusões

apontam para um cenário histórico e para um elenco de comportamentos dos personagens, voltados especialmente a esta entidade difícil de definir, que é a informação.

Neste sentido, tanto a pesquisa científica na ciência da informação propriamente dita, quanto um estudo ensaístico sobre a obra literária, como este que aqui se apresenta, têm inúmeros pontos de contato e diálogo e podem se beneficiar desta simbiose, a fim de refletir e aprofundar a compreensão das questões que, de um lado e de outro, são formuladas e perseguidas.

### **3 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COM BASE NA LEITURA DO *DRÁCULA***

É preciso tornar claro que se reconhece o marco histórico de nascimento da ciência da informação nos anos após a Segunda Guerra Mundial, ou seja, a segunda metade do século XX. Seria um anacronismo supor indícios da prática desta ciência mais de meio século antes. O conjunto formado por artefatos tecnológicos, contexto político/econômico e realizações do conhecimento científico que caracterizou o que autores como Saracevic (1996) denominam “explosão informacional”, é um fenômeno do século XX.

Contudo, tal explosão não deixa de ser o ponto culminante de um processo iniciado décadas antes com o avanço da industrialização, a disseminação da cultura impressa e dos meios de comunicação e transportes. Esta modernidade industrial, que prepara as condições de mudanças ainda mais profundas e aceleradas, é muito bem representada pelo cenário montado por Stoker em seu romance: a Londres da última década do século XIX.

Por causa desta situação, não se poderia pretender que este trabalho tratasse sobre a ciência da informação no contexto do romance *Drácula*, pois tal ciência ainda não havia se firmado, na forma como é hoje praticada. Antes, o discurso aqui apresentado versa sobre a própria informação, em um sentido que se mostra relevante para reflexões sobre o que, contemporaneamente, se situa no campo de tal ciência. Considera-se aqui seriamente a possibilidade de

rastrear processos relativos à informação, representados no texto literário, de modo a tomar a obra de ficção como um campo de possibilidades e um instrumento de reflexão e crítica.

Em vista disso é que se afirmou acima que a terminologia relativa à informação é aqui empregada em um sentido amplo e comum, a fim de garantir a fluidez e a compreensão do argumento que se deseja apresentar. É o caso, por exemplo, do termo “organização” da informação, ou do conhecimento. Uma área importante da ciência da informação, como a da Organização do Conhecimento, vem sendo desenvolvida a partir de sistemas que “abrangem todos os tipos de esquemas que organizam e representam o conhecimento, por exemplo, as classificações, taxonomias, tesouros e ontologias” (CARLAN; MEDEIROS, 2011, p. 54). Para montantes generosos de informação referentes a diversos assuntos, provenientes de muitas fontes, o procedimento de classificação faz uso de termos e conceitos, numa estrutura complexa de representação. Contudo, mesmo um procedimento bem mais simples, como a numeração ou a ordenação cronológica de documentos componentes de uma série, poderia contar como uma forma simples de organização. Uma simples lista é já a representação de um esforço por sistematizar informações cuja fonte original são documentos, que podem ou não estar fisicamente reunidos e acessíveis para a leitura e consulta.

É isto o que se observa na leitura dos capítulos de *Drácula*. Os segmentos da obra são identificados primeiramente pela ordem cronológica das anotações lançadas nos diários das personagens. Além disso, organização da massa documental produzida por estes personagens pode ser observada na atitude da personagem Mina, ao datilografar e estabelecer uma sequência para estes diários. Stoker dá a entender que a ordem dos capítulos equivale à ordenação feita por Mina, a fim de disponibilizar o acesso a sua leitura e consulta para os demais personagens.

Talvez mais interessante, em termos do momento histórico no qual *Drácula* se inscreve, seja pensar na iniciativa dos advogados Paul Otlet e Henri de La Fontaine, que “[...] foram os mentores do Instituto Internacional de

Bibliografia (IIB), criado em 1895 na Bélgica” (ORTEGA, 2009, p. 61). O projeto destes estudiosos era dar tratamento científico ao problema da informação, por meio de uma disciplina batizada por Otlet de Documentação. Ortega, em seu trabalho, define a Documentação de Otlet e La Fontaine como a “[...] corrente teórica e prática profícua proposta no final do século XIX e crescentemente considerada como uma das origens da ciência da informação.” Repare-se que a Documentação é contemporânea da publicação do livro de Stoker. Resulta disso que o cenário técnico, científico, histórico e social descrito no livro pode ser comparado de forma próxima ao contexto de nascimento da obra dos advogados Otlet e La Fontaine. Eles viram na vida social, nas atividades produtivas, na ciência e nas artes de seu tempo os problemas e demandas a partir dos quais se puseram a desenvolver a Documentação.

Finalmente, o presente artigo convida o leitor a considerar a história contada por Stoker como um campo de possibilidades, no qual conceitos, conhecimentos científicos e cotidianos, valores, padrões estéticos e desejos de expressão se fundem em vista de uma narrativa: uma sequência encadeada de acontecimentos, posta em movimento na leitura, pela participação ativa do próprio leitor. Assim sendo, sem a cumplicidade do leitor não é possível para a obra de ficção ativar todo este campo de significados, nem expressar todas as suas potencialidades. Faz-se aqui o convite para a cumplicidade – ativa, reflexiva, crítica - do prezado leitor, e a proposta de que, por meio da literatura tomada como instrumento para pensar sobre informação, possa se beneficiar da análise que em seguida se passa a fazer do romance *Drácula*.

#### **4 A ESTRATÉGIA INTERPRETATIVA NA LEITURA DO DRÁCULA**

O famoso romance de Stoker foi publicado em 1897, portanto, na última década do século XIX. Um século marcado - como se sabe - por inúmeras mudanças nas formas de vida das sociedades ocidentais. Bram Stoker deixou sua contribuição para a literatura mundial com uma história que vem recebendo inúmeras adaptações e releituras. O Conde Drácula pode ser considerado um

ícone, não somente da literatura de mistério, mas da cultura popular em geral. Com a disseminação dos meios de comunicação em massa, *Drácula* foi de certa maneira banalizado, separado do contexto do qual participa na trama originalmente desenvolvida por Stoker.

Para ser possível compreender e apreciar o presente trabalho, o leitor precisa abstrair esta cortina de interpretações sensacionalistas e de reinvenções pósteras em torno do personagem de Stoker. O trabalho de interpretação que aqui se pretende envolve o argumento e a estrutura narrativa do romance como um todo, e o personagem do Conde *Drácula*, embora seja uma figura fundamental nesta estrutura, não é o elemento principal de que tratam as reflexões aqui propostas.

Em um artigo intitulado “The Narrative Method of *Dracula*”, David Seed (1985) analisa as estratégias e recursos de que Stoker lança mão para dar credibilidade e coesão a sua novela. Ultrapassando o impactante, porém superficial efeito que o personagem do Conde causa na maioria dos leitores, Seed põe à mostra outros elementos do romance, que revelam conceitos mais consistentes e profundos do esforço literário do escritor. Seed faz a importante alusão à divisão da obra em partes, que não chegou a ser usada nas edições mais conhecidas. Foram as anotações do próprio Stoker, descobertas na biblioteca da *Rosenbach Foundation*, da Philadelphia, que revelaram “como ele planejou a estrutura da novela” (SEED, 1985, p. 63). Sua pesquisa revela uma subdivisão que, para os propósitos da presente discussão, reforça a importância dos processos de informação na estratégia de Stoker, e em sua contextualização da novela no ambiente social e cultural que ele descreve.

*Drácula*, conforme Seed, “consistiria de quatro livros, cada um contendo sete capítulos, e seriam intitulados ‘Para Londres’, ‘Tragédia’, ‘Descoberta’, ‘Punição’, respectivamente” (SEED, 1985, p. 62). A hipótese de Seed consiste em tomar esta divisão de *Drácula* em quatro livros como parte de uma estratégia narrativa específica que, então, ele espera comentar e discutir. Esta divisão em partes, proposta por Seed, é um recurso interpretativo importante. Por exemplo, sobre a seção final do livro, Seed afirma que: “Ela contém a

resolução das ações que a reunião da informação facilita” (SEED, 1985, p. 74). Veja-se que a expressão ‘reunião da informação’ (*assembling of information*) reforça o argumento aqui proposto, e abre espaço para questões informacionais de diversos tipos, como as que se espera tratar mais detalhadamente adiante.

O livro pode ser descrito, então, como a apresentação em base fictícia, de um longo e detalhado processo de organização de informações documentadas em suportes diversos. Esta descrição é adequada em pelo menos dois sentidos:

i) O objeto que o leitor tem diante de si se apresenta – supostamente - como uma massa documental reunida e organizada pelos seus personagens. Ao fim do livro, Jonathan Harker, marido de Mina, assim se expressa quanto a isso:

Eu peguei os documentos do cofre onde estiveram guardados desde nosso retorno, tanto tempo atrás. Ficamos espantados com o fato de que, em toda a massa de material que compõe os nossos registros, quase não há nenhum documento autêntico. Nada além de um calhamaço de material datilografado, exceto os últimos cadernos de anotações de Mina, do Dr. Seward, o meu, além da mensagem de Van Helsing (STOKER, 2014, p. 273).

ii) A documentação, a gestão e o uso da informação, de modo mais geral, representam um importante papel no desenvolvimento da ação da própria história. Vide, por exemplo, esta fala da personagem Mina:

Eu estarei preparada. Vou pegar minha máquina de escrever agora mesmo e começar a transcrever essas informações. Estaremos prontos para que tudo seja visto por outros olhos, caso seja necessário” (STOKER, 2014, p. 142).

Sobre este segundo sentido convém observar, também, que há especial destaque para a documentação jurídica representada pelos contratos, escrituras, registros de agências comerciais e de escritórios de advocacia, normalmente situados em torno do advogado Jonathan Harker e sua esposa Mina. Além disso, há especial destaque para a informação científica e acadêmica, representada por tratados e livros, que se organiza em torno do

personagem Van Helsing, mas também pelo registro fonográfico feito pelo doutor Seward.

## 5 REPRESENTAÇÕES DE TRADIÇÃO E MODERNIDADE NO *DRÁCULA*

É possível perceber pela leitura que Stoker articula sua trama em termos de uma oposição alegórica entre o Leste e o Oeste: O leste representando o misticismo e a superstição e o oeste a mentalidade moderna, marcada pela ciência, pela tecnologia e pela indústria. Logo no capítulo inicial, Harker comenta: “Li que toda superstição conhecida no mundo é originada nas regiões tortuosas dos Cárpatos” (STOKER, 2014, p. 19). Drácula, representando o misticismo das tradições antigas, pretende sair do leste atrasado e obsoleto e se mover para a Inglaterra das grandes cidades e das novas descobertas.

Dracula é um boiardo<sup>1</sup>, quer se comportar como um senhor feudal, mesmo em plena Londres do final do século XIX. A Modernidade em princípio o rejeita, por causa da afirmação de outro modo de vida, baseado na ética das relações comerciais e na prosperidade científica e tecnológica. Em seu artigo, David Seed explora esta oposição entre progresso e tradição, quando descreve o Conde da seguinte forma: “Ele representa uma reversão para a aristocracia feudal, que impetuosamente clama por fidelidade, independentemente do controle e equilíbrio da lei” (SEED, 1985, p. 62). Os demais personagens centrais, tendo Van Helsing como seu líder, representariam a cientificidade, o progresso técnico e social, marcado pelo fluxo cada vez mais intenso de informação, que atua como o sangue que dá força a esta nova época. Stoker também introduz comentários a respeito da confiança na ciência e na tecnologia. Sempre enfatizando esta tensão entre uma visão científica e uma visão mística do mundo, para a qual, aliás, ele recomenda manter a mente

---

<sup>1</sup> Boiardo: título de nobreza usado na Romênia por senhores feudais e proprietários de terras. O Conde se autodefine como um boiardo em pelo menos uma passagem do texto: “Aqui eu sou um nobre. Sou um boiardo. As pessoas comuns me conhecem, e sou um mestre” (STOKER, 2014, p. 32).

aberta “numa época tão cética e egoísta como a nossa” (STOKER, 2014, p. 148), como afirma o personagem Van Helsing.

Observe-se a conversa entre o doutor Seward e Van Helsing, discutindo o método de raciocínio científico, suas limitações e alcance, e a possibilidade de aplicá-lo ao caso do Conde Drácula. A ciência vista como método investigativo, muito mais do que a ciência enquanto comunidade ou tradição é um importante ingrediente no desenvolvimento do texto de Stoker. Van Helsing afirma: “Ah, o defeito da nossa ciência é que ela quer explicar tudo, e se não consegue explicar, então diz que não há nada a explicar” (STOKER, 2014, p. 150). Seria possível afirmar que o autor emprega uma crítica ao dogmatismo das escolas e das doutrinas, que mantêm uma visão muito restrita sobre fenômenos que estejam fora da esfera cotidiana. Ainda assim, faz seus personagens empregarem constantemente métodos experimentais, testes, raciocínio hipotético, argumentação. Isso pode muito bem ser entendido como certa defesa da prática do pensamento experimental e científico.

No capítulo 20, o doutor Seward comenta as conclusões acerca do estado de seu paciente, Renfield:

Com certeza há alguns pontos a ponderar a respeito do estado mental deste homem. Vários pontos parecem formar o que o entrevistador americano chama de ‘uma história’, se for possível colocá-los na ordem apropriada (STOKER, 2014, p. 203).

Stoker reúne essa herança científica e com isso fornece plausibilidade e atualidade ao seu argumento. Os poderes de controle do mundo natural e especialmente aqui, do mundo mental, fornecidos pelas recentes descobertas das ciências, são confrontados com um conjunto de acontecimentos que absolutamente não se encaixam na descrição de mundo fornecida pela ciência. As superstições antigas, os relatos fantásticos e sobrenaturais, se equilibram sobre este legado científico e formam a tensão principal do romance.

Segue-se uma fala de Seward a respeito das descobertas de Jean-Martin Charcot, conhecido neurologista e psiquiatra francês do século XIX. Seward alude a Charcot acerca da hipnose, considerada ao longo do século XIX como um campo de pesquisas obscuro, cercado de misticismo e dúvidas,

por parte da comunidade médica mais tradicional: “Sim’, eu disse. Charcot já provou isso com bastante certeza” (STOKER, 2014, p. 150). Esta é uma importante referência, diante da possibilidade de Stoker ter se inspirado em Charcot para criar o personagem Van Helsing.

A certa altura do romance os personagens, tendo coligido e organizado diversas informações recentes e remotas acerca das características extraordinárias do Conde, se põem a conjecturar sobre as explicações para a existência de uma criatura tão insólita como um vampiro. Van Helsing oferece exemplos de longevidade no mundo natural, como quando afirma: “Pode dizer-me por que as tartarugas vivem mais que gerações inteiras de homens?” (STOKER, 2014, p. 150). Até mesmo para a dieta de sangue existem, disponíveis na cultura científica acumulada, analogias que atenuam sua aparência extraordinária, pela operação da analogia: “Pode me dizer por que na região dos pampas, e em outros lugares, existem morcegos que saem à noite e rasgam as veias do gado e dos cavalos, chupando todo o seu sangue até secar?” (STOKER, 2014, p. 150). Percebe-se que os exemplos de Van Helsing são tirados de relatos da história natural: Parece haver uma sutil tentativa de relacionar os fenômenos do Conde com dados relativos ao mundo natural, e assim, diminuir o caráter misterioso, sobrenatural e fantástico de sua existência. A explicação que se baseasse numa cosmologia religiosa, com Deus e demônios em guerra, por exemplo, é insatisfatória para uma mente do século XIX como a de Van Helsing.

É nítido como esta estratégia funciona, também, como o reconhecimento da limitação do poder explicativo da ciência. O otimismo quanto ao progresso ilimitado ocasionado pela ciência é mitigado, no contexto do romance, frente à evidência inexplicável e aterradora representada pelo vampiro. Van Helsing, por exemplo, refere-se às formas de pensar “neste século XIX tão trivial, dominado pela ciência e o ceticismo” (STOKER 2014, p. 180). O resultado de todo este embate discursivo e argumentativo parece ser, por um lado, a moderação do ceticismo dirigido à superstição – conforme recomendado pela

ciência - e contrariamente, a adoção de um tipo mais sofisticado de ceticismo, que lança dúvidas sobre o próprio poder explicativo da ciência.

## 6 A BIBLIOTECA DO CONDE DRÁCULA

O personagem Jonathan Harker viaja para a Transilvânia, uma região inóspita do leste da Europa. Para se preparar para essa viagem, recorre à biblioteca como fonte de informação e conhecimento. Diz o personagem: “[...] fiz uma pesquisa nos livros e mapas na biblioteca a respeito da Transilvânia” (STOKER, 2014, p. 19). Uma vez chegando lá, toma contato com todas as superstições e costumes que se opõem ao clima de progresso técnico e cultural do Ocidente industrializado. E toma contato com o Conde Drácula, que dá título ao livro. Uma vez no castelo de Drácula, Harker gradualmente vai se percebendo menos hóspede e mais prisioneiro. A estadia de Harker na Transilvânia é narrada nos capítulos iniciais do romance, na voz dele mesmo, tal como registra as coisas em seu diário, posteriormente recuperado e tornado acessível para leitura. Um dos espaços mais interessantes, mencionados em sua estada no castelo, é justamente a biblioteca. Como unidade de informação, lugar de leitura, consulta e acesso ao conhecimento, a biblioteca do Conde Drácula precisa ser considerada com mais atenção.

Embora não haja farto volume de trabalhos que investiguem a representação de bibliotecas e de ciclos informacionais na literatura, algumas fontes mais atuais podem servir de referência para enriquecer a discussão aqui apresentada. Em seu artigo “Ordem e desordem nos labirintos da ficção: os bibliotecários e suas representações em alguns produtos culturais contemporâneos”, Giulia Crippa (2009), discute representações sociais de bibliotecários em obras de ficção. Volta seu foco principalmente para filmes, tais como *O dia depois de amanhã* (2004), em que os personagens se abrigam na Biblioteca Pública de Nova York para sobreviver a uma catástrofe climática. Acerca da representação da biblioteca neste filme, por exemplo, a autora afirma:

A biblioteca, como lugar de ordem, adquire, de fato, um papel protagonista na colocação ideológica do filme na medida em que estabelece continuamente uma dialética com a natureza selvagem e descontrolada que significa a morte (CRIPPA, 2009, p. 159).

Em *Drácula*, a biblioteca também é lugar de ordem: a ordenação da informação e da documentação escrita, na história, representa a ordenação racional, facilitada pelo uso do aparato tecnológico à disposição. Esta ordenação racional se opõe, de um lado, ao mistério, ao sobrenatural, e especialmente ao atavismo de um mundo onde os sentimentos e a razão flertam em uma relação mais livre. A ordem racional em *Drácula* aponta os seus próprios limites, caracterizados pelo termo 'ceticismo', e inclina os personagens a se renderem ao fantástico e ao improvável, quando este se junta aos fatos. Certo controle da natureza é proporcionado pela organização da informação e dos documentos, mas a própria natureza, imprevisível, selvagem, representada pela figura do Conde com suas intenções de prosperar em Londres, foge constantemente ao controle racional e técnico. Harker e o Conde ficavam quase todo o tempo na biblioteca, era a única parte da casa livre de qualquer restrição.

A biblioteca que o Conde monta é o centro vivo de sua operação. Com o acesso à informação sobre todos os aspectos relevantes para seu plano, Drácula faz da própria informação um importante recurso na perseguição de seus objetivos. Um recurso que só passa a se organizar e se apresentar com contornos definidos, devido às facilidades dos transportes e da comunicação do final do século XIX.

Quando Harker já se considerava prisioneiro no castelo, Drácula diz a ele a respeito da biblioteca:

'Fico satisfeito que tenha encontrado este lugar, pois estou certo de que aqui há muitas coisas que vão interessá-lo. Estes compêndios', e pousou a mão sobre alguns livros, 'têm sido bons amigos para mim, e por muitos anos, desde que tive a ideia de me mudar para Londres, têm me proporcionado muitas e muitas horas de prazer' (STOKER, 2014, p. 32).

Em seu diário, Harker retrata esta biblioteca como um local de pesquisa, de busca e emprego de recursos informacionais pelo Conde. E para ele mesmo, cativo no castelo, a milhares de quilômetros de casa, a biblioteca servia como refúgio, como o único espaço de ordem racional, num ambiente hostil e desconhecido. Ele assim a descreve:

Na biblioteca encontrei, para meu grande prazer, uma vasta quantidade de livros ingleses, prateleiras repletas deles, e volumes encadernados de revistas e jornais. Uma mesa no centro estava coberta com revistas e jornais ingleses, embora nenhum fosse recente. Os livros eram dos mais variados tipos: história, geografia, política, economia política, botânica, geologia, direito, todos eles relacionados com a Inglaterra e com a vida, os costumes e o modo de vida dos ingleses (STOKER, 2014, p. 32).

O Conde Drácula revela-se desde o início um ávido, seletivo e assíduo leitor. Note-se que a maioria absoluta dos livros de sua biblioteca são a respeito da Inglaterra. Suas leituras representam seu processo de modernização e seu empoderamento, que provém de absorver e empregar recursos informacionais que o século XIX oferece. Muitos desses recursos são efeitos tecnológicos e sociais da crescente complexidade da vida urbana na moderna sociedade industrial.

Sobre os hábitos de leitura de Drácula, merece especial destaque a alusão a livros de referência, conforme o próprio Harker observa: “As lamparinas também foram acesas no estúdio ou biblioteca, e encontrei o conde sentado no sofá, lendo, entre todas as coisas do mundo, um Guia Bradshaw inglês” (STOKER, 2014, p. 34). Sobre este Guia *Bradshaw* encontrado por Harker na biblioteca do Conde, trata-se de uma publicação com atualizações mensais, com linhas de trens e informações sobre viagens. Na folha de rosto do número 496, de setembro de 1888 pode-se ler: “Guia geral Bradshaw de ferrovias, navegação a vapor e trânsito, para viajantes pela Europa” (BRADSHAW, 1888). Tratava-se do mais completo guia de viagens disponível no final do século XIX em língua inglesa, uma obra de referência que apresentava “uma descrição resumida de cada país, as cidades, vilarejos, bacias hidrográficas e lugares de interesse” (BRADSHAW, 1888). A fim de

programar sua viagem e suas operações em Londres, o Conde recorre ao estudo deste famoso guia, como fonte de consulta e de leitura.

Perceba-se aqui que o vampiro faz uso da informação, veiculada nos livros e outras publicações que formavam sua biblioteca particular, a fim de adquirir as competências necessárias para lidar com o ambiente marcado pelas conquistas da Modernidade.

## **7 REUNIÃO E USO DAS INFORMAÇÕES PELOS PERSONAGENS**

No romance, as inferências que permitem conciliar os diferentes acontecimentos em torno do Conde só são possíveis com a evidência fornecida pela leitura de diversos documentos. Mina dá um passo adiante na conquista deste recurso, ao datilografar e ordenar os diários dos diversos personagens, o que se dá a partir do capítulo 14 que, segundo as investigações de Seed, se situa na seção denominada apropriadamente “Descoberta”. Mas, uma explicação completa sobre a natureza do Conde, suas intenções e fraquezas, e conseqüentemente a estratégia de defesa, só são esclarecidas mais adiante, quando todos estes diários e cartas são reunidos, datilografados e disponibilizados para estudo entre todos os membros do grupo.

Mina Harker era a organizadora da informação que circulava neste grupo. Diz ela em certo ponto: “Estou contente de ter datilografado meu próprio diário” (STOKER, 2014, p. 143). Ela datilografou os diários dos outros personagens, manteve um registro minucioso em seu próprio diário, tirou cópias dos registros comuns para o acesso dos diversos participantes da situação. A ela recorria Van Helsing sempre que precisava revisar informações específicas sobre alguma parte desta massa documental. “Ao entrar, entregou a Van Helsing várias folhas datilografadas. Ele examinou-as gravemente, e seu rosto se iluminava à medida que lia” (STOKER, 2014, p. 247). Em seu diário, Mina procura reunir todas as informações espalhadas pela vasta documentação coligida por ela e pelos demais integrantes do grupo, a fim de extrair conclusões sobre as ações do Conde. O ciclo da informação na linha de

ação dos personagens se completa com o uso desta informação, de forma reflexiva e racional, para a tomada de decisões e o estabelecimento de métodos e procedimentos que conduzam a seu objetivo.

Jonathan Harker, como se sabe, é advogado. Ele percorre, a partir do capítulo 15, as firmas de entregas e escritórios de agentes comerciais de Londres, fazendo uso de seus conhecimentos profissionais, a fim de obter informações sobre o transporte de cargas e demais operações comerciais de Drácula. Particularmente interessante é a passagem onde narra a visita a Thomas Snelling.

Lembrou-se de tudo sobre o incidente dos caixões, e tirando de algum bolso misterioso na parte de trás das calças um maravilhoso caderno de notas, marcado com dobras e contendo registros hieroglíficos feitos com lápis grosso, de ponta rombuda (STOKER, 2014, p. 195).

Esta investigação de Jonathan Harker é relatada com uma pitada de humor, aludindo a pequenos subornos e às maneiras joviais e extravagantes dos trabalhadores e pequenos comerciantes com quem ele toma contato. É uma investigação de operações comerciais, entregas, transportes, que os personagens consideram de vital importância para conhecer os planos e os resultados obtidos pelo Conde.

No desenvolvimento da trama, o capítulo 17 é especialmente importante, porque é onde acontece a reunião dos personagens e a fusão de diferentes núcleos narrativos do romance. É a esta altura que uma campanha organizada toma forma, liderada por Van Helsing, a fim de traçar uma estratégia de ação, baseada na reunião de informações contidas em diversas fontes, especialmente os diários de Harker, Mina e dos registros fonográficos do doutor Seward, que Mina teve o cuidado de datilografar<sup>2</sup>. Mais ainda, as referências ao uso da informação são bem mais explícitas. O 17 é o capítulo

---

<sup>2</sup> No romance, a mudança de suporte, da gravação fonográfica para o registro escrito representou uma vantagem para a recuperação de segmentos específicos da informação neles registrada. Mina afirma sobre isso, no capítulo 17: "(...) eu comecei a datilografar desde o início do décimo sétimo cilindro. Usei várias folhas, e fiz três cópias do diário, da mesma forma que fizera com os outros" (STOKER, 2014, p. 171). Para acessar uma informação específica gravada nos cilindros e ouvida no fonógrafo, seria preciso escutar todo o cilindro até encontrá-la, o que desperdiça um tempo que o registro escrito economiza, pela facilidade de localização de uma página ou parágrafo qualquer.

que mais expressa a mentalidade contemporânea em relação ao poder da informação, se esta for bem organizada e recuperada. O local de encontro dos personagens é o hospital psiquiátrico em Carfax, dirigido pelo doutor Seward. Em uma das reuniões de que Mina participa, ela relata:

[...] contei-lhes, tão bem como pude, que eu tinha lido todos os documentos e diários, e que meu marido e eu, depois de datilografá-los, tínhamos acabado de colocá-los em ordem. Dei uma cópia a cada um, para que lessem na biblioteca (STOKER, 2014, p. 174).

Vemos que a informação é considerada pelos personagens como um importante recurso, e neste caso, o mais importante de que os personagens dispunham. As tentativas de racionalização dos personagens, até este ponto, são sempre fragmentárias. A luta entre a racionalidade moderna e o misticismo arcaico representado pelo Conde só pende para o lado da razão e da técnica, a partir do ponto em que a informação – inscrita e organizada a partir dos diários datilografados - se torna acessível a todos os personagens em torno do casal Harker.

É importante chamar atenção para o fato de que, em meio a todos os procedimentos de organização e interpretação dos documentos e informações a respeito do Conde e de seus movimentos, os homens envolvidos em sua perseguição resolvem isolar Mina e afastá-la da missão de caçar Drácula, sob a alegação de que esta tarefa é mais apropriada a homens. Numa mentalidade considerada cavalheiresca para aquele contexto, e que hoje poderia ser considerada sexista, Van Helsing, Harker, Seward, Lorde Godalming e Morris concordam que Mina deve ser “poupada” do conhecimento e dos riscos de um empreendimento tão perigoso.

Van Helsing menciona isolar Mina Harker das deliberações e trabalhos, a fim de protegê-la em sua fragilidade, devido a sua condição feminina. Dirigindo-se a Seward, ele afirma: “Você me disse que ela escreveu tudo, então tem que conversar conosco, mas amanhã ela deve dizer adeus a este trabalho e nós prosseguiremos sozinhos” (STOKER, 2014, p. 179). Este movimento na narrativa é muito relevante, se for entendido como uma recusa de acesso à informação, por conta do isolamento de Mina. Ela, em razão de ser mulher, é

submetida a uma intencional desinformação quanto aos avanços da campanha contra o Conde.

Certamente, a questão do gênero no *Drácula* merece um tratamento que ultrapassa o propósito da presente reflexão. Muitos estudos aprofundam o tema do gênero e da sexualidade na literatura vitoriana, e em especial no famoso romance de Stoker. Um leitor interessado nesta reflexão poderia, por exemplo, examinar o livro *Sex and Death in Victorian Literature* (1990) onde Robert Tracy, no capítulo intitulado “Loving you in all Ways: Vamps, Vampires, Necrophiles and Necrofiles in Nineteenth-Century Literature”, aborda este assunto com um estudo detalhado.

O tratamento reservado às mulheres em razão do seu comportamento sexual, no século XIX, é discutido por Tracy com base na narrativa de Stoker, a ponto dele afirmar que “A cura drástica de Van Helsing para a sexualmente agressiva Lucy se assemelha aos tratamentos brutais mas medicamente aprovados das mulheres que pareciam sexualmente superexcitadas” (TRACY, 1990, p. 57). Tracy discute a alegoria representada pelos ataques do vampiro a Lucy Westenra e sua amiga Mina. O estudo de Tracy pertence a uma linha muito fértil de interpretação, que concebe o vampirismo como uma analogia da sexualidade e, portanto, como um horizonte para toda a discussão da temática de gênero no contexto da obra de Stoker.

Contudo, o eixo em torno do qual se articula a reflexão aqui apresentada não é tanto o do gênero, e sim o da informação. Mas como aqui se entrecruzam a dimensão do gênero e a da informação em torno da personagem Mina, seria preciso pelo menos registrar a relevância deste fato. La Roque e Teixeira (2001), no artigo intitulado “Frankenstein, de Mary Shelley, e *Drácula*, de Bram Stoker, Gênero e ciência na literatura”, examinam em pormenor a atitude manifestada por Stoker, ao conceber tal como o faz, as personagens femininas, especialmente aqui Mina. Os autores falam de

[...] todo o horror de Stoker à mulher que estaria começando a aparecer, denominada pelos intelectuais da época de Nova Mulher, que se pretendia mais independente não só financeiramente, mas também, o que era ainda mais assustador, sexualmente (LA ROQUE; TEIXEIRA, 2001, p. 28).

Mesmo não sendo o caso de assumir esta tese quando ao ‘horror’ de Stoker pela independência e emancipação das mulheres, o fato é que o sexismo - expresso nem tanto na atitude do autor, mas dos personagens – tem consequências profundas na forma como a informação toma parte no desenrolar do enredo da novela.

Este isolamento de Mina chega a parecer ironia, uma vez que foi ela quem tornou possível organizar e recuperar todos os documentos que de outra forma estariam dispersos, desorganizados e inacessíveis para uma compreensão completa da situação que estavam enfrentando. Harker reconhece isso na seguinte passagem:

Senti um pouco de medo por ela estar envolvida neste negócio, afinal, mas agora que seu trabalho está terminado – e que foi devido à sua energia, ao seu cérebro e à sua perspicácia que toda a história foi reunida de modo a que cada ponto fizesse sentido – ela pode sentir que sua parte está feita, e que daqui por diante poderá deixar a nossa companhia (STOKER, 2014, p. 187).

A própria Mina percebe que está sendo posta à margem das decisões e movimentos que serão tomados a partir da informação que ela tornou possível ser comunicada e utilizada. Após ter posto em ordem os relatos dispersos em diversas fontes, desde os diários até as cartas e recortes de jornais, para que deles se pudesse fazer uso eficaz, percebe o tratamento que os demais envolvidos dispensam a ela por ser mulher:

Depois do jantar mandaram-me para a cama, e saíram todos juntos para fumar, conforme disseram, mas sei que na verdade queriam contar uns aos outros o que lhes acontecera durante o dia (STOKER, 2014, p. 195).

Mina adota uma postura de resignação quanto a este isolamento. Isto favorece o avanço do Conde, ao mesmo tempo em que torna a fragmentar a linha de ação de Van Helsing e seus companheiros. Sem a ajuda de Mina, o cientista, o médico, o advogado, o nobre e o aventureiro veem novamente seus planos falharem, pela carência de adequados recursos informacionais.

O capítulo 21 apresenta uma reviravolta no curso da ação, quando a desinformação de Mina é substituída pela sua reinserção no ciclo das

informações: “Quando começamos a discutir sobre qual deveria ser o nosso próximo passo, a primeira coisa que decidimos foi que Mina deveria ficar a par de tudo” (STOKER, 2014, p. 214). É possível, portanto, defender uma leitura do romance, cujo sentido depende do ciclo da informação. Mais ainda, uma leitura onde o desfecho favorável, a conquista do objetivo principal dos personagens, está completamente sujeita ao que se passa com Mina. E Mina, indubitavelmente, é reconhecida pelos demais personagens – e talvez também por Stoker, seu criador – com o valiosíssimo papel de recuperar, organizar e fornecer os recursos informacionais que permitem, ao final, a derrota do Conde Drácula. Somente um grupo bem informado de caçadores, poderia derrotar um vampiro bem informado como ele.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*Drácula* é uma obra que tem grande parte de seu poder de expressão derivado do procedimento informacional e documental atribuído aos personagens. Lembremos que a representação do ciclo completo das informações relacionadas ao Conde é ilustrativa da riqueza de sentidos, e das diversas atribuições de valor que a informação gradativamente assume na sociedade contemporânea, já desde a época em que se passa a história: o final do século XIX. O próprio Conde, de seu castelo na remota Transilvânia, mantinha uma biblioteca, a fim de se instruir e se preparar pacientemente para a execução de seu projeto de migrar para Londres.

Além disso, Mina Harker, a fim de contribuir para a eliminação do inimigo comum, lançou mão dos recursos de que dispunha: sua máquina de escrever e suas habilidades de organização, sistematização e disponibilização de documentos e informações, sempre considerados como um inestimável recurso estratégico para o sucesso de todo o projeto.

Numa alegoria final, Stoker faz alusão ao papel crucial desempenhado por Mina quando, após meses de caçada, o grupo liderado por Van Helsing cerca a carruagem do Conde fugitivo nas proximidades de seu castelo:

Mas, nesse momento, veio o movimento rápido e o lampejo da lâmina empunhada por Jonathan. Eu gritei, quando vi a faca decepar a garganta do Conde. Ao mesmo tempo, a faca *bowie* do Sr. Morris atravessou-lhe o coração (STOKER, 2014, p. 272).

A voz que narra a morte do Conde é a de Mina Harker, a gestora da informação no grupo. Mantendo contato com o tom alegórico, mas mesmo assim, interpretando de forma viável a mensagem aqui contida, se pode dizer que foi a informação que derrotou Drácula. Foi a competência informacional e a mentalidade inovadora de uma mulher, que orientou a iniciativa de homens de visão e coragem.

Foi o ingrediente informacional tornado acessível no ambiente social da Modernidade que pôs fim à ameaça vinda do passado, de uma era guiada pela força bruta e pelas superstições. Este não chega a ser um resultado definitivo, num campo aberto a inúmeras possibilidades de leitura e reflexão. Mas é um enriquecimento de perspectiva, uma ampliação do horizonte de sentidos e isso é, justamente, aquilo que estava sendo buscado ao longo de todo este percurso, no diálogo que foi proposto entre os campos da ciência da informação e da literatura.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, S. A literatura e a ciência da informação. In: SILVA, H. de C.; BARROS, M. H. T. C. (Org.). **Ciência da Informação** – Múltiplos diálogos. Marília: Oficina Universitária Unesp. 2009. 114 p.

BARTHES, R. Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França. [tradução Leyla Perrone-Moisés]. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRADSHAW'S CONTINENTAL RAIL GUIDE September 1888. Manchester: Bradshaw & Blacklock. Disponível em:  
<<https://archive.org/details/BradshawsContinentalRailGuideSeptember1888>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

CARLAN, E.; MEDEIROS, M. Sistemas de Organização do Conhecimento na visão da Ciência da Informação. **RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 53-73, ago./dez. 2011.

CRIPPA, G. Ordem e desordem nos labirintos da ficção: os bibliotecários e suas representações em alguns produtos culturais contemporâneos.

**Transinformação**, Campinas, v. 2, n. 21, p. 151-161, 2009.

LA ROQUE; T. Frankenstein, de Mary Shelley, e Drácula, de Bram Stoker, Gênero e ciência na literatura. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1. p. 11-34, mar./jun. 2001.

ORTEGA, C. D. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, número especial, p. 59-79, 2009.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: Origem, evolução e relações.

**Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte. v. 1, n. 1, p. 41-62, jan/jun. 1996.

SEED, D. The Narrative Method of *Dracula*. In: **Nineteenth-Century Fiction**. University of California Press. v. 40, n. 1, p. 61-75, jun. 1985.

STOKER, B. **Drácula**: uma história de mistério. São Paulo: Landmark, 2014.

TRACY, R. Loving you in all Ways: Vamps, Vampires, Necrophiles and Necrofillles in Nineteenth-Century Literature. In: BARRERA, R. (Ed.). **Sex and Death in Victorian Literature**. London & Hampshire: Palgravre Macmillan, 1990.

## **MODERNITY, SCIENCE AND MEMORY THROUGH LITERATURE: THE INFORMATION IN THE NARRATIVE STRUCTURE OF DRACULA, BY BRAM STOKER**

### **Abstract**

**Introduction:** This paper interprets the novel *Dracula*, by Bram Stoker, identifying points of interest for the study of information. In addition, it is shown how the era described in the book prepares and announces what is called currently the Information Age. **Objective:** Analyze procedures of ordering and appropriation of information, as essential elements in the narrative structure of the novel *Dracula*, by Bram Stoker. **Methodology:** This is a bibliographical research, an effort of interpretation of the fictional work, questioning in essayistic and argumentative way about the relevance of the information in the book. **Results:** Through the examination of the representation of Library, the opposition between modernity (scientific) and the past (superstitious) and of the action of the characters, the book can be described as the presentation, in

fictional basis, of a long and detailed process of organization and use of information. **Conclusions:** The representation of the complete cycle of information in the novel results in a composition illustrative of the wealth of meaning and the value that information takes on society, ever since the end of the 19th century.

**Descriptors:** Information. *Dracula*. Bram Stoker. memory. library.

## MODERNIDAD, CIENCIA Y MEMORIA POR LA VIA DE LA LITERATURA: LA INFORMACIÓN EN LA ESTRUCTURA NARRATIVA DE DRÁCULA, DE BRAM STOKER

### Resumen

**Introducción:** Este trabajo interpreta la novela *Drácula*, de Bram Stoker, identificando los puntos de interés para el estudio de la información. Además, se muestra cómo la era representada en el libro prepara y anuncia lo que es conocido actualmente como la Era de la Información. **Objetivo:** Analizar los procedimientos de ordenación y apropiación de la información, como elementos esenciales en la estructura narrativa de la novela *Drácula*, de Bram Stoker. **Metodología:** Se trata de una investigación bibliográfica, un esfuerzo de interpretación a la obra ficcional, que pregunta de forma ensayística y argumentativa sobre la importancia de la información en el libro. **Resultados:** A través del examen de la representación de Biblioteca, la oposición entre modernidad (científica) y el pasado (supersticioso) y de la acción de los personajes, el libro puede ser descrito como la presentación en base de la ficción, de un largo y detallado proceso de organización y uso de información. **Conclusiones:** La representación del ciclo completo de la información en la novela tiene como resultado una composición ilustrativa de la riqueza de significado y valor que la información tiene en la sociedad, desde finales del siglo XIX.

**Descriptores:** Información. *Drácula*. Bram Stoker. Memoria. Biblioteca.